

DISLEXIA E ESCOLA: O(S) LUGAR(ES) DA PSICOLOGIA NO DIAGNÓSTICO E NAS NOVAS FORMAS DE INTERVENÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Thanara Castro da Conceição ¹
Allan Dellon Pereira Ferreira ²
Anny Beatriz Cavalcanti Lima ³
Emmanuel Holanda Melo Ferreira ⁴
Jéssica Andrade de Albuquerque ⁵

RESUMO

A leitura e a escrita são expressões culturais simbólicas na trajetória escolar, mas podem ser motivos de frustração. Compreender a escola como um espaço de trabalhar as diferenças faz parte do processo quando o assunto é Transtornos de Aprendizagem. Dentre eles, podemos destacar a Dislexia, que apresenta como dificuldades a grafia, identificação de palavras e reconhecimento de sílabas, afetando questões sociais, emocionais e afetivas. Esses fatores demandam a presença e acompanhamento de outros profissionais que devem compor a equipe pedagógica. Nesse sentido, por meio de uma revisão de literatura narrativa buscou-se identificar qual o papel da psicologia na escola relacionada à Dislexia. Verificou-se que o assunto sobre a atuação da psicologia ainda é pouco publicizado e se concentra em elementos da avaliação psicológica para a composição de diagnósticos. Foi possível, também, destacar apontamentos no que diz respeito ao modelo online de ensino e adaptações nas estratégias e intervenção diante das dificuldades apresentadas. A utilização de ferramentas como a lousa interativa, do *Google Meet*, para desenhar letras e reconhecer imagens, aparece como sugestão para o trabalho interdisciplinar.

Palavras-chave: Dislexia, Escola, Psicologia, Intervenção.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a educação no ambiente escolar, já não devem estar limitadas apenas ao espaço de sala de aula e ao conteúdo das disciplinas que nele são trabalhados. Por isso, considerar os processos de aprendizagem apenas com embasamento nos desempenhos de

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, castrothanara@gmail.com;

² Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, allandellon134@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, lima.annyb@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, emmanuelhmf@outlook.com;

⁵ Doutora em Psicologia Social (PPGPS/UFPB), Faculdades Nova Esperança- PB, jessica.albuquerque@facene.com.br.

leitura, escrita e conhecimentos matemáticos, não é o suficiente para compreender a dimensão e importância dos fatores sociais, econômicos e emocionais que compõem a trajetória estudantil.

Quando se fala em escola, por vezes colocam apenas as (os) professoras (es) como responsáveis pelo desenvolvimento educacional dos estudantes, como se o desempenho escolar estivesse relacionado apenas a notas e atividades. Nesse sentido, ao pensarmos no processo de ensino-aprendizagem, quais fatores devemos levar em conta? Que tipos de profissionais podem estar inseridos nesses espaços? Como perceber as diferenças e trabalhar com elas? Perguntas como essas podem nos auxiliar na compreensão de demandas como as decorrentes dos Transtornos de Aprendizagem.

A compreensão da sociedade diante desses transtornos se torna difícil ao passo que, por vezes, não é observável e não detém um diagnóstico preciso. Como afirmam Fletcher e et al (2009), os Transtornos de Aprendizagem são difíceis de definir, pois são considerados constructos não observáveis, que necessitam de classificações e especificidades para serem identificados. Por isso, a necessidade de observar suas variáveis como leitura, coordenação motora e desenvolvimento cognitivo. Essas variáveis podem ser fundamentais para o diagnóstico da Dislexia.

Apesar das explicações neurobiológicas (MASSI; SANTANA, 2011) que são feitas, a dislexia transita no meio social como um marcador de preconceitos e desconhecimento que podem resultar em um caráter excludente das pessoas com o transtorno. Tratando-se de um problema como o da escrita, em uma sociedade que exige que todas as crianças saiam da alfabetização lendo e escrevendo, dentro dos modos propostos pelo método clássico de ensino, a falta de novas metodologias e multiprofissionalidade nos espaços escolares, podem despertar nesse sujeito um sentimento de incapacidade, medo e raiva.

Esses sentimentos podem resultar no insucesso ou fracasso escolar que possuem relação com a evasão de alunos dos ambientes escolares, exigindo até mesmo a integração de serviços de saúde (BACK, et al 2020). Na compreensão de que as dificuldades não são apenas atreladas à dislexia, que faz surgir a necessidade de uma equipe interdisciplinar que faça intervenções com esses estudantes e possam compartilhar entre si as informações, avanços e particularidades.

Em estudos como o de Bacha e et al (2008), foi possível verificar que em casos de distúrbios de leituras e escritas relacionados à dislexia eles não estavam isolados e poderiam estar associados a dificuldades de relacionamento familiar, social, assim como dificuldades emocionais, de comportamento e desadaptação escolar. Por isso, não se trata apenas de aspectos

que são identificados no cotidiano da sala de aula, exigindo a presença de outros profissionais envolvidos, como os profissionais da psicologia.

No ano de 2020, quando a Pandemia da COVID 19 chegou ao Brasil, as escolas tiveram que construir ou adaptar formas de intervenção, métodos de ensino e estreitamento de vínculos. Como pensar essas novas formas de intervenção dentro do modelo online para alunos com Dislexia? É possível estabelecer algum tipo de relação? Nos trabalhos encontrados na presente pesquisa, os modelos de estratégias utilizados para melhorias no desenvolvimento das crianças com dislexia foram elaborados de forma presencial, mas podem ser desenvolvidos através de novas ferramentas, pois são intervenções que não exigem prioritariamente o espaço físico.

Pensando nessas questões, a partir de um levantamento bibliográfico nas bases de dados como a PEPSIC e a LILACS, o objetivo deste trabalho é identificar quais as contribuições da Psicologia nas estratégias e intervenções referentes a Dislexia no ambiente escolar. A escrita e a leitura marcam culturalmente os exercícios de participação social e inclusão no mundo, por isso nos convoca a pensar possibilidades de ressaltar outras habilidades para que esse sujeito se inscreva nos lugares que pertence.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi utilizado o método de revisão de literatura narrativa em que a seleção dos artigos é arbitrária, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva (CORDEIRO, *et al*, 2007), proporcionando ao leitor uma atualização o conhecimento sobre determinada temática em um curto espaço de tempo (CAMBUI; NATALI, 2015).

Para investigações sobre os trabalhos produzidos acerca da dislexia no ambiente escolar, com intervenções da área da psicologia, utilizou-se como fonte para o rastreamento das produções as bases de dados LILACS e PEPSIC, a partir dos descritores: psicologia, escolar e dislexia, considerando publicações em artigos e revistas. Buscou-se identificar nesses trabalhos como a psicologia comparecia nas discussões da dislexia no ambiente escolar.

Por 2020 se tratar de um ano em que houve uma transposição do ensino presencial para o ensino remoto devido à Pandemia do COVID-19, procurou-se verificar se as intervenções apresentadas nos escritos encontrados poderiam ser remanejadas ou adaptadas para o modelo online de ensino, sendo possível o embasamento nos estudos de Dehaene (2012), que já apresentava as melhoras nos escores de leitura e atividade cerebral das crianças com dislexia baseadas na aprendizagem intensiva no computador.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos resultados encontrados nos 17 trabalhos, foi possível perceber que as maiorias dos trabalhos descreviam sobre estratégias de aprendizagem (INACIO; OLIVEIRA; MARIANO, 2017), programas de intervenção fônica para crianças com dificuldade de leitura e escrita (ANDRADE *et al.* 2014) e avaliações de desempenho escolares (CAPELLINI, *et al.*, 2004) para verificação de habilidades e construção de programas de remediação. Com a análise dos textos, a inserção da escola nessa temática aparece de forma gradativa e atual, pois ela vai se tornando um espaço também para verificação desses casos já que os alunos começam a apresentar características da Dislexia durante a trajetória estudantil, já a psicologia vai aparecer como uma área auxiliar e pouco atuante no campo escolar no que diz respeito aos processos de intervenções.

A busca por uma definição mais condizente com as características de uma pessoa disléxica começa em 1896, quando Pringle Morgan, um médico oftalmologista, descreveu um caso clínico de um jovem de 14 anos que tinha uma capacidade quase absoluta em relação à linguagem e a escrita, que o levou a denominar como “cegueira verbal”. A partir disso foram criadas outras expressões como “cegueira verbal congênita”, “dislexia congênita” e “alexia do desenvolvimento” (TELES, 2004).

As temáticas incluídas nos artigos envolveram a dislexia de acordo com os diferentes contextos históricos. Dentro da área das ciências biológicas, por exemplo, até o século XIX as definições eram embasadas por um poderio médico que ditava quais eram as causas das doenças e curas (SHAYWITZ, 2006), o que até então não possuía uma explicação eram consideradas como “anormalidade”. Nesse sentido, a compreensão acerca do conceito da dislexia também não passa ileso, sob a ótica medicinal e biologicista que opera sobre a sociedade.

Nos anos 60 foram considerados aspectos para além biológicos, como os emocionais e afetivos, o que resultou na utilização do termo “dislexia do desenvolvimento” pela primeira vez na Federação Mundial de Neurologia definindo-a como um Transtorno de aprendizagem que compromete o desempenho das crianças com a leitura. Até aqui, o que despertava o interesse dos pesquisadores era o fato das crianças terem acesso a um modelo de ensino convencional e terem ferramentas disponíveis para o desenvolvimento de habilidades como a da escrita e leitura e ainda assim apresentarem dificuldades.

A Associação Internacional de Dislexia em 2003 definiu a dislexia como uma doença de origem neurobiológica, que é caracterizada como uma dificuldade na leitura de palavras e

por baixa competência ortográfica (LYON 2003 apud TELES, 2004). Nos mais diversos campos serão colocadas perspectivas diferentes para o entendimento e tratamento desse fenômeno.

Por isso, para Carvalhais e Silva (2007):

A dislexia de desenvolvimento é uma dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita que afecta a aquisição da literacia por um número significativo de crianças e adolescentes em idade escolar. No que concerne à definição do termo dislexia, não se trata de uma questão consensual suscitando opiniões contraditórias, e conduzindo a um quadro teórico confuso e diversificado (p.22).

Nos atendo a essa diversidade e a falta de consenso no que diz respeito a dislexia, pode-se pensar em uma grande variedade de métodos de acompanhamento que apresentem possibilidades para que a escola aja de forma a compreender e encontrar formas de lidar com esses alunos. Como podemos observar na citação acima, é durante a fase escolar que há um número significativo de reconhecimento das dificuldades referentes à escrita e a leitura.

A respeito da importância do desenvolvimento dentro do ambiente escolar, Barbosa (2014) salienta que a construção dos significados só é possível quando conseguimos estabelecer uma relação com as nossas vivências. O professor vai assumir um importante papel no caminho da aprendizagem trilhado pelo aluno disléxico, a necessidade de olhar e ouvir atentamente, no passo em que essa criança possa ir associando os conteúdos gerados em sala de aula, é de suma importância. O professor também pode criar um ambiente confortável e que todas as crianças - não só alunos disléxicos - possam se sentir seguros em demonstrar suas fragilidades, construindo indivíduos que lidem diretamente com seus problemas e que, por fim, consigam se ajudar no processo.

Uma área do conhecimento que colabora para que esse caminho seja traçado, é a da psicopedagogia que avalia e intervém nas dificuldades dos Transtornos de Aprendizagem. Segundo Cruz e Costa (2008) ela não contribui apenas para a atuação clínica ou remediativa, mas também para prática pedagógica escolar. Referente a Dislexia, há uma grande contribuição teórica da Psicologia Cognitiva, que descreve os processos cognitivos envolvidos na leitura como uma atividade complexa, podendo estar centrada no reconhecimento ou identificação das palavras ou no acesso ao significado.

A não aprendizagem também pode estar relacionada com uma parte simbólica da leitura no meio social. Aprender a ler representa crescimento e exige autonomia frente às questões familiares e sócio afetivas (CRUZ; COSTA, 2008). As dificuldades encontradas nesse processo, como podem ser observadas pelos autores, são mediadas pela psicopedagogia e sua inserção nos espaços escolares através de jogos que desafiam os alunos a colocarem suas

hipóteses e conhecimentos construídos. Perceber as limitações e seus desdobramentos nessas investigações, apontam o trabalho do psicólogo como um aliado ao corpo docente da escola.

Tratando-se do modelo de ensino remoto, a utilização de jogos *onlines* poderia ser uma boa estratégia para as atividades interdisciplinares continuarem ocorrendo. Nesse sentido, a interação com a família e a disponibilidade de auxílio para o estudante deveria ser levada em consideração e trabalhada de acordo com sua especificidade, já que durante o distanciamento é possível perceber que as dificuldades nesse processo de consciência fonológica das crianças podem ser ainda mais potencializadas pela falta de ferramentas (PACHECO; HUBNER, 2021). Dentro do *Google Meet*, plataforma comumente utilizada pelas escolas, tem-se uma lousa interativa onde podem ser trabalhadas a escrita, reconhecimento de palavras e formas geométricas, se tornando meios de trabalhar a criatividade e o reconhecimento de letras e sílabas.

Apesar desse ser um apontamento de estratégia para lidar com a nova disposição de modelo de ensino, cabe ressaltar que muitos estudantes não detém em casa familiares que possam contribuir efetivamente para a utilização desses instrumentos. A pandemia do COVID-19 tornou ainda mais evidentes as discrepâncias sociais. Enquanto alguns alunos detém acesso a internet e as aulas virtuais nas escolas particulares, crianças de escolas públicas por vezes não possuem nem materiais adequados para conseguirem se engajar nas atividades remotas, o que colabora potencialmente no acompanhamento desses avanços na cognição e possíveis distúrbios de aprendizagem (PACHECO; HUBNER, 2021).

Como a dislexia possui um aspecto neurobiológico importante para sua identificação, a neuropsicologia também se faz presente nos estudos sobre campo de diagnóstico e intervenção. Carvalho, et al (2010), destacaram que as avaliações neurológicas e psicológicas realizadas para o diagnóstico da dislexia do desenvolvimento, possibilitou que fossem realizados Exames Neurológicos Tradicionais (indicado para diagnóstico topográfico de lesão cerebral) em alunos com dislexia e identificassem, através dos cortes cerebrais, as causas do atraso na fala, dificuldade de reconhecimento de palavras e atividades motoras.

Em estudos como esse, a psicologia aparece como uma área que contribui para que se desenvolvam pesquisas de diferenciações das pessoas com dislexia, através de avaliações psicológicas dentro do ambiente escolar e possibilita uma especificação maior do Transtorno de Aprendizagem, que como foi citado anteriormente, tem um caráter muitas vezes não observável e palpável, dentro do cunho positivista e biologicista.

Sobre isso, Massi (2004) argumenta que há vários testes de verificação de aprendizagem que são padronizados e não foram pensados nas mais diversas formas que temos

para aprender sobre determinado assunto. Esses testes acabam gerando uma exclusão e desconforto em quem passa por problemas na aprendizagem. Como o ambiente escolar é quase sempre bem pragmático ao ensino, a criança que desvia dessa idealização do sujeito aprendiz acaba se distanciando mais ainda desse ambiente.

Esse destaque para a fase escolar está relacionado ao período mais comum de identificação da dislexia, que como afirmam Rodrigues e et al (2016):

Nas séries iniciais do ensino fundamental, as seguintes características normalmente são identificadas: dificuldade em entender que as palavras são “divididas em partes”; incapacidade de associar letras a sons; erros de leitura (sem conexão entre fonemas/grafemas - por exemplo, ler panela, em vez boneca), incapacidade de ler palavras mesmo simples; reclamações e ou recusa em situações em que tenha que ler. (p.89)

A partir dessas observações, eles elencam alguns tipos de intervenções como: usar rimas para introduzir sons das palavras, através de músicas, poesias infantis e figuras. Para compreensão das sílabas, pode-se utilizar brincadeiras com palmas (estimulando também a parte motora), fazendo com que a criança perceba que aquilo forma uma sequência. Além disso, colaborar no desenvolvimento do reconhecimento de fonemas, chamando a atenção para a fala dos colegas e movimento das mandíbulas.

Mais uma vez a psicologia aparece como um desdobramento de questões inicialmente relacionadas a aprendizagem e após observações dos professores que estão em sala de aula. É importante destacar que o trabalho da psicologia nessas intervenções não tem um cunho absolutamente clínico e que ele se encontra no campo do social e coletivo a fim de construir estratégias. Ainda são poucos os relatos específicos sobre o trabalho da psicologia no campo escolar quando o assunto é a dislexia.

Apesar dos diagnósticos necessitarem de uma equipe multidisciplinar, os trabalhos ainda estão muito voltados para a percepção de professores e neurologistas. Dentro desse recorte não foi possível encontrar uma atuação concisa e específica no campo da psicologia, apesar de já termos especialidades em psicopedagogia e especialização em psicologia escolar. Essa lacuna recai a uma sobrecarga desses professores, que por vezes são os primeiros e por muito tempo únicos, a lidarem com as necessidades apresentadas pelo aluno com dislexia.

Pensando nas novas formas de ensino e exigências, o modelo online é mais um desafio para o componente curricular escolar desses estudantes e profissionais. A dislexia, assim como outros transtornos, possui suas especificidades, mas há inúmeras possibilidades de trabalhar as habilidades e potencialidades desses estudantes. Como podemos pensar as ferramentas online

como forma de estratégia para intervenções psicopedagógicas? Afinal, as pesquisas são apontamentos para novas reflexões e busca de novos espaços de atuação. Talvez velhos espaços, com novos olhares sobre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de consenso no que diz respeito ao conceito da Dislexia parece fazer parte também, dos limites que se impõem ao conhecimento do corpo humano. Como vimos, para cada um ela vai se apresentar de uma forma, apesar de ter dificuldade fonológica ser uma característica recorrente nas pessoas com dislexia. A definição inicial de “Cegueira Verbal” se sobrepôs por muitos anos ao fato de que essas pessoas com dislexia tinham outras habilidades e inteligências que deveriam ser trabalhadas e incentivadas.

As explicações neurobiológicas que são importantes e necessárias por vezes se encerram na clínica, como se apenas o consultório fosse possível para as pessoas com dislexia. Quando se coloca o social em pauta e abre-se as possibilidades de diagnosticar, tratar e falar sobre isso em várias esferas, é que torna-se possível um novo olhar sobre elas. A relação com a escola, principalmente nesses casos, não se encerra no ensino-aprendizagem, exige do espaço novas formas de fazer, tanto na elaboração de projetos, provas como na implicação dos profissionais desse espaço.

A psicologia tem seu destaque desde o processo de diagnóstico perpassando pela clínica e pelo contexto escolar, mesmo com intervenções diferentes. Com esse trabalho foi possível perceber, que a atuação no âmbito escolar ainda é muito escassa no que diz respeito a produção de pesquisas, tendo o profissional da psicologia apenas como exemplo do campo interdisciplinar e por vezes, nem como atuante.

As estratégias têm cunho psicopedagógicos, mas tendem a ficar direcionadas apenas para o grupo de professores, o que nos indica que é necessária uma implicação no que diz respeito ao conhecimento dos transtornos de aprendizagem, em exercer o compromisso com essas questões emocionais e comportamentais que atravessam o ambiente escolar. Afinal, a escola deve ser, antes de tudo, um espaço para socialização, inclusão e direitos assegurados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. M. A. *et al.* Eficácia de um programa de intervenção fônica para crianças com dificuldades de leitura e escrita. **Revista Psicopedagogia**, v. 31, n. 95, p. 119-129, 2014.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000200005> Acesso em: 25 jul. 2021.

BACHA, S. M. C. *et al.*; As hipóteses diagnósticas nos casos de dificuldades escolares: experiência em equipe multiprofissional. **Revista Psicopedagogia**, v. 25, n. 76, p. 14-24, 2008. Disponível: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000100003 > Acesso em: 20 jul. 2021.

BACK, N. C. F. *et al.*; Modelo de avaliação de transtornos de aprendizagem por equipe interdisciplinar. **Revista Psicopedagogia**, v. 37, n. 112, p. 37-51, 2020. Disponível: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862020000100005> Acesso em: 20 jul. 2021.

BARBOSA, C. F. G. Dislexia: dificuldades de aprendizagem na escola. 2014. **Monografia de especialização** (especialista em educação) - utfpr, 2014. Disponível em: < <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/20858> > Acesso em: 20 jul. 2021.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), v. 7, n. 65, p. 42-44, 2012. Disponível: < <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2021.

CAMBUI, Y. R. S; NATALI, M. R. M. Doenças inflamatórias intestinais: revisão narrativa da literatura. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 17, n. 3, p. 116-119, 2015. < <https://revistas.pucsp.br/RFCMS/article/view/20378>> Acesso em: 20 jul. 2021.

CAPELLINI, S. A. *et al.* Desempenho de escolares com distúrbio específico de leitura em programa de remediação. **Pró-Fono: Revista de Atualização Científica**, p. 261-274, 2004. Disponível: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000200005> Acesso em: 25 jul. 2021.

CARVALHAIS, L. S. A; SILVA, C. Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 21-29, 2007. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/pee/a/6hzxH48Z8RZc9nhxWttbdvC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 20 jul. 2021.

CARVALHO, M. *et al.* Aspectos da avaliação neurológica em escolares disléxicos. **Revista Psicopedagogia**, v. 27, n. 82, p. 15-26, 2010. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000100003> Acesso em: 25 jul. 2021.

CORDEIRO, A *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgões**, v. 34, p. 428-431, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcmV6Gf/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 20 jul. 2021.

CRUZ, M. B; COSTA, A. C. Crianças que escrevem, mas não lêem: dificuldades iniciais na alfabetização. **Revista Psicopedagogia**, v. 25, n. 77, p. 120-131, 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000200004>
Acesso em: 25 jul. 2021.

DEHAENE, S. Os neurônios da leitura. Porto Alegre. **Penso**, p.374, 2012.

FLETCHER, J. M. et al. Transtornos de aprendizagem: da identificação à intervenção. **Artmed Editora**, 2009.

INÁCIO, F. F.; OLIVEIRA, K. L.; MARIANO, M. L. S. Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, p. 447-455, 2017.

MASSI, G. A. A. A outra face da dislexia. **Tese UFP**, 2004. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/27894>> Acesso em: 20 jul. 2021

MASSI, G; SANTANA, A. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, p. 403-411, 2011.

PACHECO, L. P.; HÜBNER, L. C. Como o distanciamento social em tempos de pandemia desafia os estágios iniciais da aprendizagem da leitura em crianças. **Signo**, v. 46, n. 85, p. 58-69, 2021.

RODRIGUES, S. *et al.* Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, 2016. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/21/dislexia-na-escola--identificacao-epossi>> Acesso em: 25 jul. 2021.

SHAYWITZ, S. Entendendo a Dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: **Artmed**, 2006.

TELES, P. Dislexia: como identificar? Como intervir?. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 20, n. 6, p. 713-30, 2004. Disponível em: <https://www.rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/view/10097> Acesso 20 jul. 2021.